

A Procura do Pai no Romance *Meine Väter* de Martin R. Dean¹

Gonçalo Vilas-Boas

Universidade do Porto - ILC

Resumo: O romance *Meine Väter* [Os meus pais] baseia-se na procura pela figura narradora no processo da sua construção identitária do seu pai verdadeiro, um indiano que desapareceu. Foi criado por outro indiano, mas resolve ir à procura do seu pai. Fá-lo em Londres, onde o encontra e convence-o a ir às Caraíbas, de onde ele é originário. As diversas aventuras nada trazem quanto ao que deseja. Não é o sangue que lhe traz a sua identidade, nenhuns traços da família indiana que encontra em Londres e nas Caraíbas correspondem minimamente à sua identidade, são-lhe completamente estranhos. Para a sua identidade terá de procurar sobretudo em si e no seu contexto próximo.

Palavras-chave: Dean, Família, Viagens, Identidade, Literatura Suíça

Abstract: The novel *Meine Väter* [My fathers] is based on the search by the narrator of his real father, an Indian who has left his Swiss mother. It seems important for him to know his own family. He hopes to find an explanation of himself or part of it in the real father and his Indian family and background. His search brings nothing, even if he meets his real father and travels with him to the Caribbean islands, where his father comes from. The search is fruitless, nothing links him to his Indian family, the relatives belong to another world, not his own. The search must go on within himself and his near context.

Keywords: Dean, Family, Travels, Identity, Swiss Literature

Introdução

Neste texto pretendo analisar o romance *Meine Väter* (MV no texto) [Os meus pais] de Martin Dean, autor suíço contemporâneo, na perspectiva da construção de um espaço identitário exterior, visto no local e no global e o interior, consequência da relação com aquele espaço. Neste romance a viagem surge como uma necessidade subjectiva de procura dessa identidade, embora se revele como algo relativamente inútil, dado que a identidade se situa na relação complexa do Eu, entre o exterior, visto no local e no global, e o interior, consequência da relação com aquele espaço.

Antes de iniciar o meu percurso analítico, quero focar a perspectiva de partida: leio o livro como um romance e não como texto autobiográfico, mesmo que muitos aspectos remetam para a biografia do autor. Limito-me, assim, aos elementos ficcionais, embora informações extratextuais possam contribuir para uma melhor compreensão. De facto, Robert, a personagem principal, funciona como uma espécie de *alter ego* do autor, sem ser, no entanto, idêntico a ele. Neste livro mistura-se assim o factual com o ficcional. Todavia, estas duas facetas são sempre filtradas pelo narrador.

Apresentação geral da temática do romance: a procura do pai e a necessidade da viagem

Robert é filho de um casamento misto. Neil, o padrasto, cidadão de Trinidad, de origem indiana, é médico numa aldeia na Suíça e é casado com Helen. Conheceram-se em Trinidad; mas anteriormente ela fora casada com Ray, o pai biológico de Robert, que ela deixou devido ao seu comportamento associal e rebelde.

Depois da morte de Neil, o filho vai à procura de traços que possui ou pensa possuir do seu pai biológico, uma necessidade – crê ele – para atingir o seu auto-conhecimento. Na família o tema era tabu. Ele parte por conselho da mulher Leonie, deixando a família sozinha. Ele sofre, como ele próprio define, de “falta de pai” (MV: 11).

A diferença em relação a outras situações de procuras do pai na literatura de expressão alemã reside, segundo Sandberg, no facto de este romance ser “motivado pela procura da própria identidade e da pertença a uma ordem social” (Sandberg 2006: 158).²

Comparemos a postura da personagem com o seu *alter ego*, o escritor Dean. No dia 5 de Maio de 2003, Dean deu uma palestra em Basileia intitulada: “Sobre pais”, tendo aí afirmado: “Ele sente que tem dentro de si algo inacabado, tendo, portanto, de construir um pai de substituição” (Dean 2003, “Über Väter”: 1). Para Dean, não se é apenas produto de um contexto histórico e geográfico: todos os pais transmitem também algo a nível biológico; essa figura pertence, portanto, à história de cada um. Durante a procura do pai, Dean sente uma dificuldade especial: o pai perdeu, devido a um ataque cardíaco, a fala para sempre: “Escondeu a sua e a minha história num fosso sem fala” (*ibidem*). Mas isso não é bem verdade, pois uma parte da história individual continua sem a história do pai biológico. O autor tem uma história com o padrasto e a sua socialização na Suíça; porém, uma parte da sua história ainda lhe falta, a da herança genética. “Qualquer que seja a razão pela qual os pais faltam, eles são sempre reinventados pelos filhos” (*ibidem*).

No romance em análise, o desejo de Robert de criar uma figura de pai funciona como motor para uma grande viagem, que tem como objectivo substituir a fantasia de uma figura de pai por uma figura real. Robert não tem a completa consciência de que o tempo já passou, que não o pode recuperar, apenas conhecer alguns fragmentos. A viagem talvez esteja condenada à partida; no entanto, é uma necessidade subjectiva.

Durante a viagem, Robert fica muitas vezes doente. As doenças podem ser vistas como símbolo de identidade insuficiente. As suas causas encontram-se sobretudo no modo de vida, na comida, no clima. Dean exprime estados semelhantes no seu livro autobiográfico *Außer mir*. Mazenauer comenta a este respeito: “Ele, que entretanto atingiu os 40 anos, quer ultrapassar esta ‘falta de pai’ com todos os seus efeitos secundários hipocondríacos” (Mazenauer 2003).³ Escrever também pode significar tentar curar-se, como o hipocondríaco ou o nosóforo, o que tem medo das doenças, e tentar curar o corpo com diversos medicamentos e exercícios. Uma razão da doença dos hipocondríacos é, segundo Dean, a concentração no próprio corpo. Robert concentra-se de tal modo no conceito de pai e da respectiva falta, que o corpo reage psicossomaticamente.⁴

Vamos viajar com Robert até Londres, até Sils-Maria no cantão suíço dos Grisões, e até à ilha de Trinidad, e tentemos entender como é que o mundo exterior o influencia e

contribui para a solução da questão identitária. Como veremos, a dimensão topológica e de crítica social é também um elemento importante nesta procura.

A nível formal, o romance obedece a uma estrutura relativamente tradicional: segue uma cronologia, que corresponde às várias etapas da procura. Esta cronologia dá uma certa ordem textual à desordem interior do narrador, um narrador na primeira pessoa.

O título da primeira parte chama-se “Mind the gap”, uma alusão ao metro londrino. Robert tem de ter atenção ao espaço, ele sente-o, ao afirmar que não conhece o seu pai biológico. Ele tem de seguir este “gap”. Ele constrói uma imagem idealizada, ou como Schimang formula “o pai como fantasia” (Schimang 2003).

Primeiro encontramos-lo dentro de um avião, lendo um jornal, tal como já Walter Faber, sentado no avião no meio de uma tempestade de neve a ler uma notícia sobre um desastre de aviação, no romance *Homo faber*, de Max Frisch. No romance de Dean, Robert lê uma notícia sobre um parricídio. Esta notícia, em conjunto com o título, deve ser interpretado como instrução de leitura. No entanto, o romance não se inicia com uma dimensão criminalística. Robert começa por encontrar o pai biológico em Londres. Contudo, não corresponde à imagem que construía dele: é um homem velho, frágil e sem fala, que vive num lar. Através dele, Robert não consegue as informações pretendidas. Robert tem de se confrontar com esta grande desilusão e tentar encontrar meios para, pelo menos uma vez, conseguir comunicar minimamente com o pai.

O Alto Comissário para Trinidad em Londres, que fez as primeiras investigações para Robert, diz que o pai esperou trinta anos por uma chamada telefónica do filho, mais tarde corrige esta afirmação, dizendo que era apenas uma metáfora (MV: 14). “No panic” (MV: 10) parece ser a instrução interior de Robert, de outro modo teria de desistir rapidamente da procura.

Londres é um exemplo de globalização, se assim o podemos dizer. Porém, esta cidade é, também ela, uma construção de Robert. Ele está à procura de um homem de Trinidad, por isso o seu olhar está especialmente sensível a aspectos multiculturais da capital britânica, nomeadamente os indianos, os paquistaneses e os africanos, que ele considera como “os últimos perdedores da história colonial britânica” (MV: 30). No texto, a

cidade mundial e global existe, na verdade, apenas através de aspectos multiculturais seleccionados pelo narrador, o leitor pouco vê da cidade. Robert vê os aviões, que partem de Heathrow em direcção a Bombaim e a Trinidad ou que chegam desses lugares (vd. MV: 36), como símbolo do mundo global. O grande mundo vai-se estreitando aos olhos de quem procura.

O Alto Comissário relativiza a preocupação de Robert, ela não é única:

Existem milhares de crianças que procuram os seus pais caribenses. Crianças de mães brancas, escandinavas. (...) Crianças abandonadas, desorientadas, filhos da migração global, que só agora começou. (MV: 15)

Deste modo, o caso de Robert integra-se noutra temática que está presente no romance: o racismo que existe na Suíça, como noutros lugares, concretizados aqui na difícil relação entre os indianos entre si e os negros em Trinidad. O problema subjectivo de Robert ganha deste modo uma dimensão global. De novo ouçamos o Alto Comissário: “Todos eles querem conhecer os seus pais, para descobrirem quem são” (MV: 17). Robert não está, portanto, sozinho na procura do pai!

Primeiro, Robert terá de construir uma ponte que permita recuar trinta anos. Aparentemente, Ray não mostrou, em Trinidad, interesse pela criança, ignorou-a. Os telefonemas para a Suíça, para Leonie e para a filha devem ser interpretados como movimentações opostas à procura principal. Não podemos deixar de ter em conta que Robert também é pai.

Mas o acaso auxiliou-o. No lar de idosos de Ray a enfermeira Navira é de origem indiana. Ela vai tornar-se numa ajuda preciosa para Robert, com as suas pesquisas na *internet*, mas também como uma preciosa companheira, também no sentido erótico. Aos poucos, ele consegue alargar o terreno de procura e consegue encontrar-se com alguns membros da família de Ray, de origem indiana.

Ao alargar o círculo caríbico-indiano, o leitor fica a conhecer alguns costumes dos indianos emigrados. Uma primeira vez, num encontro com indianos em Londres, e um pouco mais tarde, através da narração da avó de Robert em Trinidad. Em ambas as

passagens surge o estereótipo da mulher indiana: “Ela não fuma, não bebe, não come carne e não frequenta a Tate. Ela é a propriedade do marido com pele e cabelo” (MV: 84). Isto afirma Robert, repetindo a opinião do padrasto de Neil em Trinidad. Nem Robert nem Navira acreditam em tais tradições, poder-se-á comparar esta afirmação com outras dos habitantes de Trinidad de origem indiana. Robert, apesar de tudo, tenta descobrir o que os outros vêem neles: “Um par amoroso indiano? Quão indianos nos parecemos nós?” (MV: 85).

Ele descobre que a família indiana está espalhada por todo o mundo: Inglaterra, Canadá, Trinidad, África do Sul, Suécia. Em Londres procura semelhanças entre si próprio e a família, que apenas agora conheceu. No entanto, quanto mais se aproxima deles, mais verifica que nada quer ter a ver com aquele clã. No entanto, ele não desiste da sua procura. Ele vai com Navira e Ray para Sils-Maria, uma aldeia na Suíça, onde paira, como pano de fundo, a figura de Nietzsche. Hospedam-se no Hotel Waldhaus, para se encontrar com um suposto conhecido de Ray. Este hotel foi um conhecido ponto de encontro de intelectuais, que podiam permitir-se a estes luxos, como Thomas Mann, Theodor Adorno, Thomas Bernhard, Friedrich Dürrenmatt, Hermann Hesse, apenas para mencionar alguns nomes. Evidentemente as nossas personagens não podem pagar um hotel deste tipo, mas estão na esperança que o homem rico, conhecido do pai, o óptico Baragan, lhes pague os quartos e dê informações sobre Ray, o que virá, de facto, a acontecer.

Esta estada pouco traz de novo.⁵ Robert diverte-se com Navira, sempre na esperança de obter mais informações acerca do homem desconhecido; no entanto, a uma centena de quilómetros dali, em Basileia, está a mulher e a filha, que o julgam em Londres e tinham planeado ir ter com ele.

Na Suíça, o “casal” é muitas vezes visto com desconfiança (vd. MV: 107). O tempo global não apagou as fronteiras entre o conhecido e o desconhecido. Apenas no hotel são vistos como pessoas normais, porque são hóspedes, e porque são vistos como pessoas ricas. Ray até é convidado por alguns hóspedes mais velhos para passeios em trenós, ele passa ali um bom tempo.

Robert reflecte sobre a problemática da emigração na Suíça. Primeiro vieram os italianos, que ele em criança designava de “homens de aspecto estrangeiro com camisolas interiores” (MV: 175). Depois, vieram as pessoas dos Balcãs: “Estranhamente os suíços sempre relacionaram a sua procura pela identidade com a questão dos estrangeiros” (MV: 176). A actualidade do tema continua até aos dias de hoje. Recorde-se uma indicação num cartaz do partido da direita SVP: “Querem tornar-se estrangeiros no vosso próprio país?” (MV: 177) ou uma notícia sobre asilos, que foram destruídos pelo fogo. Em contraste está a história do padrasto, que era uma personalidade respeitada numa aldeia com seiscentos habitantes. Mas para os leitores sobressai a situação actual na Confederação Helvética, o medo que os eleitores parecem ter face aos outros, apesar da importância destes na construção do país.

Na viagem de regresso tentam encontrar a mãe de Robert. Mas Robert e Navira hesitam tanto tempo em frente à porta, que a mãe acaba por sair da casa e desaparece no seu Saab. Por causa deste atraso o contacto não foi estabelecido, talvez porque seria desagradável. Foi a mãe que ordenou o tabu, em relação à procura e cumpriu-o. Está, portanto, na hora de partir para Trinidad!

Entretanto, Navira apercebe-se de que a sua relação com Robert não leva a nada e, por isso, decide partir para a Índia para conhecer o país dos seus antepassados. E Robert parte então só com o pai para Trinidad.

Na parte que tem lugar neste país, a situação narrativa muda.⁶ O eu-narrador passa a alternar com o narrador autorial, apesar de este surgir em muitos episódios que podem ser consideradas ambivalentes. Nestas passagens é narrado o passado de Neil e de Ray, mas também são descritos contextos sócio-políticos. Talvez o eu-narrador se queira esconder, agora que está tão próximo da fonte de informações, no sítio onde nasceu. Apenas um pequeno exemplo de uma dessas situações narrativas: “Neil conduziu o Austin cinzento, banhado em suor, de novo pela selva. Desta vez parou junto a um rio e tomou banho” (MV: 354). Não é dito de onde o narrador obteve estas informações, e o pronome EU desaparece das passagens em que é narrado o passado. Encontramos, portanto, um ir e vir entre o antigamente e o hoje, discursivamente marcado pelo oscilar da situação narrativa.

Somos informados acerca do entusiasmo de Ray por Rita Hayworth, que filmou alguns filmes em Tobago. Ray escreveu artigos entusiastas acerca dela para um jornal local. Este foi o primeiro passo para o afastamento da família de origem indiana, que era racista e elitista, uma vez que a relação entre castas era vista como problemática. Um indiano não devia escrever artigos encomiásticos sobre brancos num jornal indiano. Este aspecto racista surge muitas vezes, tanto no passado como no presente (*vd.*, p. ex., MV: 237, 240, 250, 254, 271, 326). O pai de Ray, por exemplo, tem de sentir na própria pele que pertence a uma casta mais baixa que a mulher. Indianos e negros surgem no romance sempre como opostos, o que é especialmente importante para a situação política do país aquando da independência. Ray não se integra nesta maneira de pensar indiana. Assim, ele escreve o seguinte, em 26 de Fevereiro de 1956, no *Trinidad Chronicle*:

Porque é que as nossas mulheres, especialmente as cidadãs indianas, não podem dançar [como as de origem africana na ilha, GVB] deste modo? Levantem-se, mulheres do Trinidad, transformai os elementos étnicos numa dança atractiva e irresistível – e os aplausos serão para vocês. (MV: 226-227)

Ray depara-se com a incompreensão por parte do pai, o juiz Budrin. A história particular de Ray funde-se com a da ilha. Mais ainda: Ray casa-se com uma branca, a suíça Helen, e mais tarde está ao lado dos negros da ilha. Para os habitantes de Trinidad de origem indiana ele torna-se decisivamente num rebelde.

Tal como o tempo oscila entre o presente de Robert e o ano de 1956, também o romance oscila entre a história particular da família e a do país. A multiculturalidade manifesta-se, por exemplo, na toponímia da ilha com nomes de origem francesa, espanhola, índia e indiana (Blanchisseuse, Mon Repos, El Socorro, Fyazabad, Cumpia, Calcutta Settlement, v. MV: 248). Isto parece dificultar a identidade: “Em Trinidad todos eram um pouco loucos e mudavam constantemente a sua identidade” (MV: 259), conta o narrador. Mas também se pode tratar de uma projecção de Robert, que vê a sua própria situação espelhada na dos outros. Um indiano no presente afirma o seguinte sobre o Ray de antigamente: “O engraçado não era que ele continuasse a escrever, mas sim que quisesse

agradar agora aos negros. Em Trinidad, todas as frases que dizes ou escreves são uma declaração racista” (MV: 297).

Depois da independência, a 31 de Agosto de 1962, os negros subiram ao poder através do Dr. Eric Williams. Segundo afirmações de um indiano, esta tentativa de criar um estado multicultural justo saiu frustrada, porque o Presidente era corrupto. Não se sabe ao certo se Ray não terá morto o próprio pai durante uma manifestação, o que remete de novo para a primeira página do romance: “Que castigo tem um parricídio?” (MV: 9). Não se sabe ao certo que pedra atingiu Budrin. Ray atirou uma, tal como muitos outros.

Robert averigua informações exteriores, nada que o possa ajudar na procura da sua identidade. Procura semelhanças, inclusive fisionómicas. Procura o passado, tenta uma espécie de repetição, mas tudo isso se afigura como uma tarefa impossível. Trinidad não é um paraíso, a dimensão „utópica“ do passado é apenas uma construção sua. A viagem, essa, era necessária, para que Robert conseguisse resolver este problema. Neste romance, em que muitos falam, tudo se concentra num único problema. Ao procurar a resposta verdadeira ele apercebe-se de que a sua busca tinha afinal de falhar. Leonie diz ao telefone: “Raízes, raízes, ecoa a Leonie, e pergunta-me se não será de procurar a razão precisamente nesta sociedade sem raízes, que não possui tradições nem lugar certo” (MV: 364).

Robert tem de sair da „confusão“ da ilha, para voltar a si próprio. Verifica que a questão da procura da identidade não pode ser resolvida, mesmo tendo encontrado o pai. Robert tem de admitir:

Mais uma vez a minha aterragem na ilha falhou. Quantas vezes já cheguei aqui, sem chegar aqui, e o desejo de ser um habitante de Trinidad entre outros habitantes de Trinidad me levou às situações mais devastadoras. Quantas vezes a ilha já me cuspiu como se fosse um corpo estranho. (MV: 372)

Entretanto Ray morre, precisamente na altura em que na ilha se festeja o carnaval. Pode-se afirmar que a busca de Robert tem igualmente algo de „carnavalesco“, devido às muitas aventuras que teve de viver. Ou também uma espécie de busca quixotesca! Tudo afinal até ele verificar que tem uma identidade híbrida, sempre em mutação. Ele telefona a Leonie

para Basileia: “Em casa, esse é para mim neste momento o local mais desejado. Necessito de proximidade, sem parentesco ilusório” (MV: 390).

A viagem como necessidade subjectiva: identidade e hibridismo, global e local

A viagem foi, assim, uma necessidade subjectiva, não só de procura do pai como de procura da identidade.

No início do romance, o mais importante para Robert é a procura do pai, pois os pais pertencem à identidade de cada indivíduo (cf. Sandberg 2006: 156). Ele tem de encontrar esse outro lado da sua “*identité composite*” (Starck-Adler 2005: 180), sofrendo de “*malaise identitaire*” (*idem*: 188). Para ele a identidade social não é nenhum problema urgente, mas antes a identidade genética do lado do pai. Ele pensa que tem de conhecê-la. As representações de identidades pessoais são construções subjectivas, que mudam constantemente. O indivíduo alimenta a sua “fábrica de identidades” com o novo material que a realidade lhe oferece; trabalha nela, no entanto, nunca vai atingir uma imagem completa.

Mas à medida que a viagem avança, ao tentar encontrar parecenças, as que encontra são apenas exteriores. Ele movimenta-se globalmente, também na *net*, mas o seu lar está afinal nele próprio, no mundo “pequeno”. Não podemos estar em todo lado no mundo: estivermos onde estivermos, o mundo está sempre do lado exterior.

A partir desta constatação, ele vai concluindo que a sua identidade se encontra afinal nele próprio, como também o seu hibridismo. Ele tem de se confrontar com diferentes influências, para poder construir, ou melhor reconstruir, uma identidade com novos elementos. As identidades têm a ver com raízes, independentemente de estarem na família mais próxima ou em regiões mais longínquas, podem estar em Basileia ou no mundo global ou em lugares que o protagonista vai procurar. Os pais são um dos factores que contribuem para a nossa identidade, independentemente do papel que desempenham na família. A sua identidade faz, portanto, parte do mundo global. “Globalization is not antonymic to identity”, afirma Abdulaziz Altwaijri. A globalização pode dificultar a identidade, mas não necessariamente. Por outras palavras, existe, relativamente à subjectividade, um efeito

oscilante entre o global, o mundo fora do país onde se cresceu, e o regional. O problema torna-se maior quando o sujeito tem uma origem multicultural:

This has a direct impact on his identity in form of multiple sources of pervasive influence; it becomes more complicated to stick to one or several distinctive identities since in order to do so it is necessary for an individual to have a reference group, which confirms and buttresses his identity. (...) Globalization, in this context, contributes to the dissolution of any stable identities, and with them, to the dissolution of the sense of self of the individual.⁷

O lado que cada um domina é o espaço menor, aquele onde se vive. Mas o global aumenta rapidamente, especialmente devido ao mundo actual, cada vez mais global (pelo menos para alguns!). Daniel Dei escreve: “This universality, however, does not imply a planetary historic consciousness of truth. Rather, it is an universality without identity, a space of things in a time of things” (Dei 2007: 6). Estes aspectos também surgem no romance.

Cito mais uma vez Sandberg, que escreve: “Lembranças e histórias não resultam sempre na história de uma vida e fica demonstrado que só com isso não se consegue construir uma identidade” (Sandberg 2006: 169).

No fim deste romance de procura, Robert está sem pais. Mas isso já estava ele há muito! Ele atravessou fronteiras, mas, com esta viagem, ele ficou a conhecer as suas próprias fronteiras. Ele viveu fragmentos (cf. Landvogt 2007: 8), não encontrou respostas.

Um mundo global, um mundo em rede não significa necessariamente que se trate de uma sociedade que se entende bem. A globalização pode ser um “não lugar”, podemos estar em todos os lados, mas, no fundo, em nenhum, a não ser que consigamos desenvolver relações profundas com os locais com os quais estamos em contacto.

Robert imagina Trinidad como um local onde tem raízes, um “lugar”, mas isso não é verdade. Ele está lá numa espécie de posto de observação oscilante. A viagem não corresponde aos seus planos, em parte faz uma viagem sem sentido mas, por outro lado, ela permite-lhe perceber melhor o seu problema identitário. A identidade está dentro dele e não no exterior. A verdade não se encontra em Londres, em Sils-Maria ou em Trinidad. Ele é

o próprio local das suas próprias construções, é isso que aprende durante a viagem. Neste sentido, a viagem permite-lhe perceber que as suas fantasias acerca dos pais são importantes para a auto-procura, mas que não possuem necessariamente correspondentes reais.

No romance o ambiente privado consolida-se com o público e podemos dizer que um dos fios condutores do romance é o racismo (cf. Wegelin 2003). Isto dá ao romance uma dimensão crítico-social que ultrapassa o mero subjectivo, mesmo que os dois lados atravessem paralelamente o texto.

Neste romance de auto-procura, Robert quer uma imagem clara da sua identidade, pelo menos a relacionada com a parte que “herdou” do pai. Mas uma imagem completa não se deixa construir com identidades, é algo processual, constantemente em movimentação, sempre com novos “gaps”. Robert tem de se ajustar à realidade e todo o percurso individual envolve o preenchimento desses vazios.

Síntese final

Em síntese: estamos na presença de um romance em que a procura do pai é a procura da identidade. Mas cada vez mais as identidades híbridas surgem como consequência da globalização e da movimentação migratória, o que modifica o conceito de família como uma das bases da identidade individual. A globalização está relacionada com o hibridismo, com “viagens das pessoas” num mundo cada vez mais aberto. As famílias multiculturais tornaram-se cada vez mais usuais, demonstrando claramente uma aproximação de culturas, de costumes, de tradições. Porém, a globalização pode ser um “não lugar”, a não ser que consigamos desenvolver relações profundas com todos aqueles com os quais estamos em contacto; por isso, a identidade tem de ser encontrada não só no interior como no exterior de cada um de nós. Daí a grande actualidade da temática deste romance.

Bibliografia

- Altwaijri, Abdulaziz, "Identity and Globalization in the Perspective of the Right to Cultural Diversity", em www.isesco.org.ma/pub/Eng/identity/identity.htm (visto em 09.06.2007).
- Dean, Martin R. (2003), *Meine Väter*, München, Hanser.
- Dean, Martin R., "Über – Väter. Rede über vaterlose Söhne von Jesus, Friedrich Hölderlin, Friedrich Nietzsche, Franz Kafka bis zu Philip Roth. Gehalten in der Elisabetherkirche in Basel", em www.mrdean.ch, p.1. (visto em 12.11.2007).
- Dei, H. Daniel, "Identity and Globalization: The Metaphysical Question of the 21st Century", em www.crvp.org/book/Series01/I-19/chapter_xxi.htm (visto em 09.06.2007).
- Landvogt, Rainer (2007), „Marin R. Dean“, *KLG*, München, 2007.
- Linsmayer, Charles (2003), "Wenn Vaternangel krank macht", em www.mrdean.ch/pub/mrd_vaternangel.pdf.
- Mazenauer, Beat, "Von den Nöten des Patriarchats", em www.culturactif.ch/livredumois/mai2003dean.htm.
- Sandberg, Beatrice (2006), "Schreibende Söhne. Neue Väterbücher aus der Schweiz: Guido Bachmann, Christoph Keller, Urs Widmer und Martin R. Dean", em Ulrich Breuer e Beatrice Sandberg, (Hg.), *Grenzen der Identität und der Fiktionalität*, München, iudicium: 156-171.
- Schimang, Jochen (2003), "Von einem, der zu viele Väter und zugleich gar keinen hat" (*BaZ*, 7.2.2003).
- Starck-Adler, Astrid (2005), "L'image de la Suisse chez Martin R. Dean", in Peter Schnyder (org.), *Visions de la Suisse. À la recherche d'une identité: Projets et Rejets*, Strasbourg, Presses Universitaires de Strasbourg, 2005 (Collection Helvetica 7): 179- 190.
- Wegelin, Anne (2003), „Der endlose Versuch einer ‘gelungenen Identität’“, *BaZ*, 17.01.2003.

NOTAS

¹ Este estudo foi elaborado no âmbito do Projecto "Interidentidades" do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Unidade I&D financiada por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia – no âmbito do projeto «PEst-OE/ELT/UI0500/2013».

² Algo parecido podemos afirmar em relação ao romance *Liebesarchiv* [Arquivo de amor] de Urs Faes, outro escritor suo contemporâneo. O autor Thomas persegue o rasto do pai, que esteve um tempo desaparecido e depois apareceu de novo repentinamente. O tempo em que esteve desaparecido era um tabu na família, mas Thomas recebe documentos de uma antiga amante do pai.  este tempo que ele quer investigar. Mas existe ainda outra pista: a sua mãe teve na altura um relacionamento com Simon, um refugiado judeu da Letnia.

³ Ver também Landvogt: "Die Vatersuche [ist] vor allem als Versuch des hufig an psychosomatischen Erkrankungen Leidenden zu sehen, Heilung zu finden". Linsmayer escreve a este respeito: "Lsst sich doch schon am Beispiel Nietzsches zweifelsfrei nachweisen: 'Abwesende Vter machen die Shne krank'" (Charles Linsmayer, "Wenn Vaternangel krank macht", em www.mrdean.ch/pub/mrd_vaternangel.pdf).

⁴ Martin R. Dean expressa estas ideias em diferentes textos, veja-se, por exemplo, „Hypochondrie oder das Vollkommene. Warum Schreibende einen Hang zu Krankheit haben. Kleine Geschichte der eingebildeten Krankheiten von beschriebenen Körpern: krank geschrieben“, em www.mrdean.ch. (visto em 12.11.2007).

⁵ Alguns crticos consideram este captulo suprfluo, como, por exemplo, Mazenauer.

⁶ Linsmayer afirma: "Gut die Hälfte des Buches spielt in Trinidad, und was in London und Sils Maria nicht gelang, findet hier auf irritierend-vielgestaltige Weise Erfüllung" (Linsmayer 2003: 2).

⁷ "Globalization and Identity: Trends and Contradictions", em www.osi.hu/nsp/program_uk/yorkconf/papers2001/Globalizationand Identity.htm (visto em 21.04.2007).